

O Estado de S. Paulo

7/6/1987

Região de Ribeirão Preto resiste à crise

CARLOS ALBERTO NONINO

O agropecuarista Aurélio Benedini, filho de imigrante italiano, conta que a terra da região de Ribeirão Preto encantou os estrangeiros chamados para sua exploração. Dessa terra, sai hoje um terço da produção rural do Estado. O predomínio da cana-de-açúcar não quebrou o quadro de agricultura diversificada. E a agroindústria também contribui para que a principal região agrícola do País seja mais resistente às crises.

A região, com 80 municípios, em 36.608 quilômetros quadrados, que representa 14,72% da área do Estado, fica no nordeste paulista e se divide em dois eixos, os das vias Anhanguera e Washington Luís ou das antigas ferrovias Mogiana e Paulista. Além de Ribeirão Preto (384.604 habitantes, estimados em 1985), compreende Franca (183.595), Araraquara (145.430), São Carlos (140.860), Barretos (80.107), Sertãozinho (64.673), Jaboticabal (51.619) e Bebedouro (50.676 habitantes), cidades consideradas de porte médio.

Diferentes tipos de atividades se juntam para somar uma população regional de 2.047.850 pessoas, das quais 302.195 (28,4%) residem na zona rural. O recenseamento de 1980 levantou 1.794.452 moradores; em 1970, eram 1.428.029; em 1960, 1.204.411; a população de 1950 (985.617 habitantes) era inferior à de 1940 (1.010.074), como consequência do esvaziamento econômico provocado pela crise de café, da qual recuperação só houve a partir dos anos 50.

Apesar da fibra dos italianos, lembrada por Aurélio Benedini, e de outros imigrantes que se dedicavam na época à cafeicultura — portugueses, espanhóis, húngaros, poloneses e japoneses — e dos que sucederam os primeiros colonizadores das famílias Prado, Junqueira, Barreto, Bueno, Reis, Dumont, Uchoa, Schmidt, o crack do café deixou marcas.

Só a nova geração, mantendo o espírito de esforço e dedicação dos antecessores, mas sem ter vivido o triste episódio de 1929, conseguiria alterar o quadro, afirma o engenheiro Carlos Chaves, estudioso da história regional. A nova geração conseguiu consolidar a diversificação ensaiada desde a década de 30. Foi nos anos 50 que se deu outro marco importante, com reflexo em toda região: a inauguração da faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, pela USP. Simultaneamente, iniciou-se a expansão industrial.

As indústrias pioneiras instalaram-se nas duas primeiras décadas do século, destacando-se as de bebidas, em Ribeirão Preto. Em 1922, aconteceu na cidade uma grande luta, com a presença do presidente da República, Epitácio Pessoa, e do presidente do Estado, Washington Luís, para inauguração de uma siderúrgica, que faliu sete anos depois, enfrentando a dificuldade da distância da matéria-prima.

Se foi ou não devido a essa lição, o fato é que, na década de 50, à medida que a agricultura se diversificava, surgiram as indústrias que aproveitavam a matéria-prima da própria região. Hoje, a agroindústria — canaveira, de citros, de produtos vegetais, laticínios, frigoríficos e calçados — é uma grande força na região: absorve 65% do pessoal empregado no setor secundário da economia e coloca oito empresas entre as dez da região que mais recolhem ICM.

O professor Julian Chassel, diretor da Fundação Getúlio Vargas, em recente palestra, atribuiu à agroindústria da região o grande instrumento de defesa contra a crise. Destacou também que o comércio é forte, representado por grupos, da própria região ou de fora, e que o setor de

prestação de serviços completa esse segmento terciário da economia, somando no fator de equilíbrio.

"Realmente, o equilíbrio é a característica da região", afirma Vicente Golfeto, assessor técnico do Instituto de Economia da Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto, citando que o imposto recolhido pela indústria praticamente se equipara ao do comércio. Golfeto também ressalta que as indústrias de grande porte são em número diminuto. Segundo dados da Junta Comercial do Estado, cita, Ribeirão Preto é a segunda cidade em número de microempresas, superada apenas pela Capital.

É por isso que a câmara de compensação de cheques de Preto, se ocupa o sexto lugar em valores, comparando-se com as de outras regiões, é a terceira em número de papéis. "Não vamos dizer que hoje a crise não existe, mas devido a esse quadro ela se dilui, ao contrário do que acontece em regiões que não têm uma economia diversificada", expressa o comerciante Rubens Pires Rebelo.

Vicente Golfeto observa que "aqui, a crise chega depois e, às vezes, apenas nos tangencia". Cita dados: em Ribeirão Preto, o número de plantas aprovadas para construção cresceu 155% — e a área licenciada, 57% — nos primeiros quatro meses do ano, comparando-se com igual período do ano passado, enquanto o recolhimento de ICM na região aumentou 135%, contra índice inferior a 60% no Estado. A renda per capita regional é de 5 mil dólares, o dobro da do País.

(Página 39)